

Aquisição de português como língua adicional (PLA): o uso de *hedges* em português por falantes nativos de mandarim

Acquisition of Portuguese as an additional language (PLA): the use of hedges in Portuguese by native speakers of Mandarin

Cristina Lopes Perna

PUCRS – Brasil

Yuqi Sun

PUCRS – Brasil



Resumo: O presente artigo tem como objetivo comparar o uso de *hedges* entre falantes brasileiros de português a aprendizes chineses de português como língua adicional (PLA). Foi sugerida uma definição para *hedges* e apresentada uma listagem das ocorrências deste fenômeno no sistema linguístico do português brasileiro (PB) e PLA. Após, foi descrita a metodologia para a compilação de dois *corpora* orais, através de um estudo longitudinal de nove meses. A análise dos dados foi feita com base na nova classificação de *hedges*, com vistas a comparar as produções do PB e PLA. Os dados demonstram que não houve regularidade na aquisição dos *hedges* entre os falantes de PLA. Este estudo é uma tentativa de análise de *hedges*, com o aporte da linguística de *corpus*, cujo objetivo mediato é contribuir para uma metodologia de ensino e aprendizagem de PLA.

Palavras-chave: Aquisição de *hedges*; Português como língua adicional; Pragmática; Linguística de *Corpus*

Abstract: The purpose of the present paper is to compare the use of *hedges* among Brazilian speakers of Portuguese and Portuguese learners, who speak Mandarin as L1. A definition for *hedges* was suggested and a listing of occurrences of this phenomenon in the linguistic system of Brazilian Portuguese and Portuguese as Additional Language was presented. Then, a methodology for the compilation of the two oral *corpora* was presented, by means of a longitudinal study that lasted nine months. The data analysis was based on the new classification of *hedges*, with the aim of comparing the productions in Brazilian Portuguese and Portuguese as Additional Language. This study is an attempt to analyze *hedges* utilizing *Corpus* Linguistics and the aim was to contribute to a methodology for the acquisition process of Portuguese as an Additional Language.

Keywords: Acquisition of *hedges*; Portuguese as an additional language; Pragmatics; Corpus linguistics

Introdução

O presente trabalho apresenta uma comparação da produção de *hedges* entre falantes de português brasileiro e aprendizes chineses de português como língua adicional¹ (doravante PLA). Apresentamos um histórico

sobre o status recente do português no mundo e uma breve descrição sobre as investigações na área de PLA. Em seguida, procuramos definir o termo *hedge* e propor uma nova classificação para este, com vistas a analisar os dados do presente estudo. Para a coleta de dados, foram utilizados conceitos da linguística de *corpus*, através da qual foi elaborada uma metodologia para a compilação de dois *corpora* orais, um de falantes brasileiros e outro de aprendizes chineses de PLA. Considera-se o estudo como uma tentativa de análise de *hedges* em língua portuguesa com o aporte da linguística de *corpus*, que tem como

¹ A designação “língua adicional” está sendo bastante utilizada recentemente quando se trata de ensino de língua estrangeira (LE) ou L2. Segundo Stern (1983), os falantes de uma L2 são aqueles que dominam esta língua não-nativa dentro de fronteiras territoriais onde se fala esta língua como L1; quanto ao termo LE, este se refere aos aprendizes dessa língua dentro da comunidade onde essa não possui nenhum status sociopolítico.

objetivo contribuir para uma metodologia de ensino e aprendizagem de PLA.

O status da língua portuguesa na atualidade

Segundo Albuquerque e Esperança (2010, p. 4), com cerca de 205 milhões de falantes, “a língua portuguesa tem uma dimensão bastante considerável no panorama linguístico mundial”, em função de ser (a) segunda língua românica, (b) terceira língua européia, (c) quarta língua mais falada como LA, (d) quinta com maior número de países de língua oficial, espalhados pelos cinco continentes e (e) sexta língua mundial. Além disso, até 2010, o português foi a 5ª língua mais falada na Internet com 82.5 milhões de usuários.² Nas redes sociais, a língua portuguesa aparece como a 3ª língua mais usada no Twitter³ e 9ª, no facebook.⁴

Com base em dados da UNESCO (ALBUQUERQUE & ESPERANÇA, 2010, p. 10), na área de tradução, o português é a 7ª língua de chegada e 18ª língua de partida. Segundo *The International Business Edge*⁵, entre as 15 principais línguas do mundo, que contribuem para 90% do PIB Mundial, o português consta como 9ª.

De acordo com dados obtidos pelo Instituto Camões⁶, o ensino da língua e cultura portuguesa distribui-se por 72 países, quer através da sua rede de leitorados, em cooperação com 294 instituições de ensino superior e organizações internacionais, quer através da sua rede de educação pré-escolar e de ensinos básico e secundário, em coordenação com 14 ministérios de educação estrangeiros e câmaras municipais, bem como com as diásporas portuguesas. A sua rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE) é constituída por 1.691 docentes e integra cerca de 155.000 alunos.

A língua portuguesa é considerada uma língua da moda e do futuro. Conforme Albuquerque e Esperança

(2010), na Europa do Leste há cerca de 3500 alunos que estudam a língua. Em outros países, a procura de português como LA tem aumentado nos últimos anos, e em 2050, deverá ser falada por 335 milhões de pessoas em todo o mundo.⁷

Na Universidade de Harvard, o número de alunos matriculados em português subiu 150% em 10 anos⁸; no Japão, o português é a primeira LA mais falada (35%)⁹; na China, o número de cursos de português nas universidades aumentou de 3 para 13, entre 2005 e 2010 (SUN, 2011). A China é, “actualmente, um dos países com maior expansão da aprendizagem do português” (ALBUQUERQUE & ESPERANÇA, 2010, p. 14).

A investigação linguística sobre o Ensino e Aprendizagem de PLA no Brasil

O ensino e aprendizagem de PLA remetem aos primeiros contatos inter-raciais entre jesuítas e ameríndios no século XIII. Os jesuítas se preocupavam apenas com o processo de alfabetização da língua e devido à ocupação portuguesa, a língua do Brasil sofreu uma grande mistura de português, tupi (língua nativa) e diversos dialetos trazidos pelos escravos africanos. Até 1808, a mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro fez com que o foco de investigação de PLA ocorresse juntamente com o estudo da cultura portuguesa. Segundo Corno (2001, p. 36), somente após o ano 1822, devido à influência do nacionalismo provocado pela Independência, é que a literatura brasileira passou a ter seu espaço.

Após a Segunda Guerra Mundial, os linguistas começaram a ser autoridade principal na busca de metodologias científicas na área de ensino de línguas adicionais. Nesse período, o ensino e aprendizagem de português sofreram bastante influência das teorias estruturalistas norte-americanas sob o método audiolingual, segundo o qual a aprendizagem de uma LA devia ser considerada uma disciplina em si – o desenvolvimento de um conjunto de hábitos. O foco de aquisição e aprendizagem da LA era o domínio de componentes isolados (gramática e vocabulário) e o desenvolvimento de habilidades distintas (ouvir, ler, falar e escrever).

Embora o audiolinguismo tenha contribuído grandemente para a investigação da aquisição de LA em vários aspectos, as dificuldades apresentadas no desempenho dos aprendizes levaram à discussão da aplicabilidade das teorias estruturalistas e behavioristas a investigações linguísticas. No Brasil, essa observação se revela na publicação da obra *Português do Brasil para Estrangeiros*, que foi publicada em 1978 e considerada a “pioneira na abordagem sociopragmática, oferecendo maiores possibilidades de desenvolvimento da competência

² Internet World Stats Acesso em 25/06/2011: <http://www.internetworldstats.com/stats7.htm>

³ Semicast (24/02/2010): http://semicast.com/downloads/Semicast_Half_of_messages_on_Twitter_are_not_in_English_20100224_fr.pdf

⁴ Inside Facebook (28/07/2010): <http://www.insidefacebook.com/2010/07/28/among-facebooks-top-languages-portuguese-arabic-and-spanish-lead-growth/>

⁵ The International Business Edge. Acessado em 25/06/2011. <http://www.globalization-group.com/edge/2010/03/top-languages-by-gdp/#top-countries-by-gdp-chart>

⁶ Número adquirido no site de Instituto Camões. Acessado em 25/06/2011. <http://www.instituto-camoes.pt/lingua-e-ensino/menu-da-rede-de-docencia/rede-de-docencia-ensino-nao-superior>

⁷ Observatório da Emigração (18/05/2010): <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/1755.html>

⁸ Notícia do Jornal da Globo (23/06/2011): <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/06/alunos-de-harvard-vem-ao-brasil-para-aprender-portugues.html>

⁹ Notícia do Internacional Press (05/11/2007): <http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Japao/Japao-apoiara-ensino-do-idioma-entre-alunos-estrangeiros>

comunicativa dos aprendizes, graças à ênfase dada ao uso da língua” (CORNO, 2001, p. 43).

A partir da década de 80, houve uma tendência em aproximar a função comunicativa da linguagem e sua relação com a história e cultura brasileira. Outro avanço para a área foi o fato que os linguistas passaram a se preocupar com a relação entre a estratégia de aprendizagem e a identidade de seus usuários. Fatores como faixa-etária, lugar de residência (no Brasil ou no exterior) e tipo de língua materna passaram a ser levados em consideração nas investigações.

Após a década 90, o estudo pragmático-comunicativo estabelece seu papel predominante, com o amadurecimento das pesquisas sistemáticas nos programas de graduação e pós-graduação de Letras e com as publicações de artigos em periódicos científicos. Os trabalhos demonstram a preocupação com o fato de que o ensino e aprendizagem estejam baseados no uso da língua, dando ênfase à interação dos interlocutores, contexto de enunciado, fatores socioculturais, entre outros. No mesmo período, os pesquisadores começam a se preocupar, de forma mais sistemática, com a avaliação da proficiência em língua portuguesa. Em 1995, o exame Celpe-Bras¹⁰ (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros) foi oficialmente instituído pela Portaria Ministerial, cujo objetivo é avaliar a proficiência comunicativa dos aprendizes, pressupondo o futuro uso da língua.

Nesse contexto, pretendemos, com este trabalho, apresentar um estudo comparativo entre falantes brasileiros de português e aprendizes chineses de PLA, através da análise do uso de um aspecto linguístico, *hedges*, com vistas a demonstrar de que forma a competência e proficiência comunicativa são adquiridas através desse tipo de termo.

A competência comunicativa e a proficiência comunicativa

Segundo Schlatter, Garcez e Scaramucci (2004, p. 366) “a melhor maneira de avaliar se alguém é proficiente é colocá-lo em situação em que ele possa demonstrar essa proficiência diretamente”. Nesse sentido, os aprendizes devem se preocupar com os fatores comunicativos e socioculturais da língua alvo e ao se deparar com situações de uso autêntico da língua. Esse conceito de proficiência diferencia-se das teorias estruturalistas

norte-americanas da década 50, que considerava a língua como uma soma dos componentes isolados (sintaxe, morfologia e fonologia) e das habilidades (ouvir, falar, ler e escrever) e acreditava que “aprender uma língua estrangeira ou ser proficiente nessa língua pressupunha dominar seus elementos” (FRIES, 1945; LADO, 1961 *apud* SCHOFFEN, 2009, p. 17).

A noção de competência comunicativa, proposta por Hymes em 1967 (BROWN, 2000, P. 246), salienta que os estudos sociolinguísticos consideram a competência como a habilidade do uso e sua inter-relação com a linguagem. Ao contrário da teoria gerativista – cuja concepção de competência linguística seria o conhecimento gramatical de um conjunto das regras internalizadas para formar e entender novas sentenças (CHOMSKY, 1973, p. 32) – para Hymes “uma descrição que não especifica os traços linguísticos em relação a uma comunicação de falantes, seus repertórios e os usos desses, possui pouca validade, relevância ou interesse” (1972 *apud* PERNA, 1992, p. 25). Essa crença fez com que os linguistas buscassem uma maneira de avaliar e analisar o desempenho dos aprendizes de forma contextualizada.

Cabe mencionar que os primeiros autores a se preocuparem com o estudo de competência, tanto linguística quanto comunicativa, não se preocupavam com a aquisição e o ensino de língua adicional. No entanto, a partir das abordagens dessas pesquisas, surgiu uma nova perspectiva para a análise da proficiência da língua adicional, de cunho “integrativo-sociolinguista” (SPOLSKY, 1975), com ênfase na comunicação, autenticidade e contexto. Mais adiante, os estudos de Canale e Swain (1980, 1983) demonstram que a competência comunicativa pode ser categorizada em quatro componentes, a saber: competência gramatical (léxico, morfologia, sintaxe, semântica e fonologia), competência do discurso (coesão e coerência), competência sociolinguística (regras socioculturais da língua e do discurso) e competência estratégica (fatores limitados na aplicação, tais como fadiga, distração e negligência) (BROWN, 2000, p. 247). Tendo esses fatores em vista, ser proficiente em uma língua estrangeira significa muito mais do que conhecer o sistema abstrato que representa apenas um aspecto da função da linguagem. Para ser proficiente em uma língua adicional, segundo Perna (1992), não basta ter “a habilidade de produzir e de entender enunciados em que a gramaticalidade é menos importante que a adequação” (p. 24). A proficiência deve ser então a capacidade de demonstrar coerentemente o conhecimento linguístico de uma forma adequada dentro de um dado contexto, obedecendo às regras socioculturais e os fatores interpessoais.

No presente estudo, pretendemos analisar a habilidade de produzir enunciados que contenham *hedges*, com falantes de mandarim que estão adquirindo PLA. Para

¹⁰ O Celpe-Bras é o único certificado oficial brasileiro de proficiência em português como língua estrangeira, sendo desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) do Brasil e aceito internacionalmente em firmas e instituições de ensino como comprovação de competência na língua portuguesa. No Brasil, é exigido por muitas universidades para ingresso em cursos de graduação e pós-graduação e por organizações profissionais como o Conselho Nacional de Medicina como pré-requisito para a prática da profissão no território brasileiro.

isto, tentaremos definir o termo *hedge* e propor uma nova classificação para este, com vistas a analisar os dados do presente estudo.

Hedge

A noção de *hedge* foi aprofundada por Lakoff (1973) no seu artigo *Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts*. A investigação foi baseada na teoria de “Fuzzy Set”, que define os morfemas, palavras ou expressões tais como *-like, -ish, technically, often, sort of, loosely speaking, more or less etc.* de *hedges*, cuja função é “fazer com que os enunciados fiquem mais ou menos imprecisos” (LAKOFF, 1973, p. 471). Segundo Lakoff, a função principal desse tipo de termo é modificar o grau de categorização das palavras e valor de verdade das sentenças. Embora não “se interesse pelo valor comunicativo do uso de *hedges*” (MARKKANEN & SCHRÖDER, 1997, p. 4), o autor salienta que os *hedges* podem “interagir com as condições de felicidade para enunciados e com regras de conversação” (LAKOFF, 1973, p. 490). Após Lakoff, os *hedges* começaram a ser estudados através de várias perspectivas, sendo principalmente na área da pragmática.

Brown e Levinson discutem *hedges* nas estratégias de polidez negativa, explicando como o fenômeno linguístico modifica a força ilocucionária dos interlocutores e obedece as máximas de Grice. Por exemplo, no enunciado “**Acho** que eles vão comparecer”, o falante está tentando proteger a máxima de qualidade, dando resposta sem se comprometer com o resultado final. Para os autores, o uso de *hedges* é um método primário e fundamental para desarmar a ameaça interacional, sendo a ferramenta mais imediata para obter a meta comunicativa.

Yule (1996, p.130) define *hedges* como “notas cautelosas produzidas para mostrar de que forma uma palavra está sendo empregada. Por exemplo, o enunciado ‘**até onde eu sei**’ é usado quando damos alguma informação. A ideia se encontra também no trabalho de LoCastro (2003), que explica os termos como indicações das atitudes dos falantes com os níveis distintivos de informação, verdade, e relevância das palavras para minimizar ou maximizar as máximas.

Neste artigo, adotamos a definição de Sun (2011), que analisou *hedges* a partir de um ponto de vista pragmático em estudo de PLA. Segundo a autora, *hedges* são “itens funcionais, lexicais e estruturais que especificamente existem em um determinado sistema linguístico, modificando o valor de compromisso do enunciado e a força ilocucionária do sujeito falante em consideração às estratégias comunicativas” (p. 34).

No português do Brasil (doravante PB), os *hedges* podem ser representados de várias formas, que se

encontram resumidas nos sete grupos a seguir (SUN, 2011):

Quadro 1. Hedges no sistema do PB

Nº	Descrição:	Exemplo:
1	Alguns morfemas	<ul style="list-style-type: none"> • Me faça um favorzinho? • Obrigadão!
2	As palavras ou sintagmas	<ul style="list-style-type: none"> • Eu tenho orkut que quase não uso. • Talvez eu esteja errada. • Nas últimas férias, eu fiquei praticamente em casa. • Nós ficávamos lá uns três, quatro dias. • A razão é mais ou menos isso. • Há cerca de dois meses não ligo a televisão. • Isso significa, grosso modo, que não há mais classe média. • As vezes, assisto um pouco de TV
3	Tempo verbal específico: (pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e futuro pretérito)	<ul style="list-style-type: none"> • Se eu fosse o professor, não deixaria para mostrar para os pais essas notas no dia da entrega dos boletins. • A gente tenha talvez três ou quatro jornadas. Isso podia ser um cansaço psicológico absurdo. • Você poderia fazer uma análise quantitativa. • Político teria que ser trabalho voluntário.
4	Pergunta retórica.	<ul style="list-style-type: none"> • Isso não é uma boa ideia???
5	Pronomes. (Quando “a gente” é utilizado para responder as questões de opiniões pessoais dirigidas somente para interlocutor.)	<ul style="list-style-type: none"> • A: Qual o momento mais emocionante vivido por você até hoje? • B: Quando eu tinha 15 anos, a minha sobrinha nasceu, aí a gente se sentia como mamãe.
6	Frases ou inserções parentéticas:	<ul style="list-style-type: none"> • Vou escolher barco como o meio de transporte, eu acho. • Se eu não me engano, eles têm uns 10, 11 anos.
7	Algumas partículas modais (interjeições).	<ul style="list-style-type: none"> • A TV é um produto né? • Ele tá certo, não é?

* ????: marcação de pergunta retórica neste trabalho para que seja distinguível de outros tipos de pergunta.

Cabe mencionar que o levantamento acima é apenas uma listagem das possibilidades de *hedges* no PB e que não vale como uma classificação para o estudo sob o prisma da pragmática, que visa analisar a fala do interlocutor no seu contexto interacional e através de suas funções comunicativas. Vejamos o exemplo abaixo tirado do *corpus* (SUN 2011):

P: Você poderia dizer alguma coisa a respeito dessa figura?

R: Essa que **eu entendo, seria a minha visão** que **seriam** duas mãos, **né**, simbolizando o planeta Terra e isso mostra a globalização **né**.

Segundo Carter e McCarthy (2006, p. 223), os *hedges* devem ser estudados na categoria das marcações

pragmáticas, mostrando que “os falantes são sempre cuidadosos para não parecer muito rudes e agressivos”. O exemplo acima, que contém cinco *hedges* (*eu entendo, seria, a minha visão, seriam, né*), revela uma tendência de não comprometimento com a expressão de opinião. O sujeito está mitigando a fala dele para diminuir a potencial ameaça de face.¹¹ A expressão “**eu entendo**” e “**seria minha visão**” mostra a ideia de que o locutor assume a responsabilidade pelo julgamento, sem precisar comprometer-se com a verdade do contexto referencial; a palavra “**seriam**” indica a incerteza da fala do locutor e os dois “**né**” podem ser entendidos como marcadores discursivos, que embora não sejam necessariamente produzidos conscientemente pelo falante, demonstram a vontade do locutor de que sua opinião seja reconhecida. Considerando essas funções pragmáticas e o contexto da fala, adotamos a classificação (SUN, 2011) abaixo para a análise dos dados do presente trabalho.

Quadro 2. Classificação de *hedges*

Nº	Classificação	Exemplo
1	<i>Hedges</i> como marcadores discursivos	• Acho que os professores são muito pobres, sabe! Tu viste né? Os alunos nem te olham!
2	<i>Hedges</i> pressupositivos	• Parece que vai chover hoje. • Ele deve estar em casa agora. • Se eu tivesse férias mais longas, aproveitaria só para viajar.
3	<i>Hedges</i> declarativos	• Falta uns dez dias para a entrega do trabalho, estou quase enlouquecida! • Às vezes , duvido que ele seja brasileiro, pois praticamente não gosta de carnaval.
4	<i>Hedges</i> sugestivos	• Poderia me emprestar uma caneta? • Quem sabe você pega um taxi para chegar lá mais cedo? • Eu deveria ter feito a leitura.
5	<i>Hedges</i> posicionais	• Se não me engano , o Brasil passou a chamar-se República Federativa do Brasil em 1967. • A: Você se importa de vir às 7h30 da manhã? • B: Ah! Muito cedo! A gente não consegue se levantar!
6	<i>Hedges</i> emotivos	• Olá guriazinha, poderia me fazer um favorzinho? Não acha muito frio aqui???

O quadro acima mostra seis tipos de *hedges* classificados pela função pragmática. A análise deles deve ser feita a partir do contexto da fala particular. ① Os *hedges* como marcadores discursivos são *hedges*, tais como “**né**”, “**sabe**”, “**digamos**” etc., cuja função é fazer abertura e fechamento de fala, tomar e manter o turno, mudar o tópico e fazer com que as opiniões sejam reconhecidas e aceitas por outros participantes. Eles são, muitas vezes, produzidos inconscientemente com

a frequência de uso mais alta do que a de outros tipos de *hedges*. A palavra “**né**” é, em nosso estudo, sempre considerada como esse tipo de *hedge*, mas a palavra “**acho**” será reconhecida nessa categoria somente quando ela tiver função de movimento preliminar em enunciados argumentativos e não possuir maior ênfase na fala, ou seja, se a expressão “**EU acho**” for produzida com ênfase na palavra “**eu**” ou como uma inserção parentética, ela jamais será um *hedge* como marcador discursivo mas um *hedge* posicional. ② Os *hedges* pressupositivos, tais como “**parece**”, “**talvez**”, “**se... fosse...**” etc., encontram-se principalmente nos atos de fala representativos e declarativos.¹² O locutor propõe a pressuposição de um futuro evento ou suposição e raciocínio diante de um fato acontecido. ③ Os *Hedges* declarativos são palavras e expressões tais como “**normalmente**”, “**principal**”, “**por volta de**”, “**quase**” etc., que modificam o grau de verdade e o conteúdo semântico de um enunciado, sendo um tipo de amenizador das categorias de tempo, lugar, número entre outros, a fim de protegerem a máxima de qualidade na passagem de informação. ④ Já os *Hedges* sugestivos são produzidos, quando os falantes dão sugestões, pedem favores ou descrevem suas obrigações para diminuir a ameaça de face. ⑤ Os *Hedges* posicionais são os que evidenciam a fonte da informação ou pessoa responsável pela opinião. Quando se fala “**no meu ponto de vista**”, “**para mim**” e “**eu acho**” com ênfase no “**eu**” do enunciado, o falante está apresentando apenas a opinião pessoal para não se comprometer com a verdade referencial; os *hedges* “**dizem que**” e “**ouvi falar**” representam a ideia de que o falante coloca-se na posição de isenção de responsabilidade; o papel de “**a gente**” quando se refere somente ao locutor, denota a tentativa de demonstração de pertencimento na argumentação. ⑥ Por fim, os *hedges* emotivos representam, de certa maneira, as emoções dos falantes de forma mais imprecisa. Em geral, eles aparecem através do uso de palavras de grau aumentativo ou diminutivo, que não apenas se referem ao tamanho do objeto. As frases com estrutura típica (por exemplo, pergunta retórica) também são consideradas como *hedges* emotivos.

Na próxima seção, descreveremos os *corpora* a serem utilizados neste trabalho e analisaremos os dados com base nas teorias pragmáticas. Após uma comparação entre as produções dos falantes brasileiros e aprendizes chineses, discutiremos de que forma os *hedges* podem representar a proficiência comunicativa dos aprendizes de LA.

¹¹ Face threat (ver Brown e Levinson, 1987).

¹² A classificação dos atos de fala vê-se em Searle (1969). Em sua obra, os *hedges* são categorizados de acordo com sua função comunicativa predominante em determinada situação, independentemente do tipo de ato de fala onde o *hedge* for inserido.

O estudo

O Corpus

O *corpus* de estudo foi construído com base nas transcrições de entrevistas com 11 brasileiros falantes nativos de português do Brasil e 11 alunos chineses aprendizes de PLA, com faixa etária entre 20 e 30 anos, entre o terceiro e quinto ano de faculdade. Os informantes brasileiros foram alunos regulares das Faculdades de Letras, Direito, Engenharia e Administração da PUCRS¹³, todos nascidos no estado do Rio Grande do Sul. Os informantes chineses foram alunos conveniados da Faculdade de Comunicação Internacional em Língua Portuguesa da CUCN¹⁴, que estudaram na PUCRS entre outubro de 2009 e junho de 2010. Antes de ingressar na universidade na China, os aprendizes não haviam tido contato com a língua portuguesa ou com falantes dessa língua. Naquela universidade, eles estudaram dois anos de português com *input* de diferentes variedades, visto que os professores eram oriundos de países lusófonos diferentes.

O instrumento das entrevistas foi elaborado por Sun (2011), de acordo com a etapa individual (parte oral) do modelo do exame Celpe-Bras. Durante nove meses, os informantes chineses participaram de dez entrevistas com duração de 5-10 minutos cada. Os tópicos de cada conversa foram propostos através de pedidos de informações pessoais, de interesse geral ou da compreensão a partir de cartuns, fotos, charges e outros tipos de imagem. No caso dos informantes brasileiros, as entrevistas foram realizadas apenas uma vez com cada informante durante 30-60 minutos, individualmente com a pesquisadora. Os tópicos envolvidos foram iguais aos das entrevistas com os chineses.

O *corpus* de produção dos informantes brasileiros foi denominado de CTOB e o de produção dos informantes chineses, CTOC. O quadro abaixo representa as informações dos dois *corpora*:

Quadro 3. Informações de número de palavras no CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Ocorrência (Token) de itens em corpora	39138	25871
Formas (Type) de itens em corpora	3837	2774
Ocorrência de hedges	1704	759
Formas de hedges	75	38

Análise

Segundo as informações mostradas no Quadro 3, observamos que os aprendizes não possuem vocabulário muito limitado em comparação aos brasileiros, devido

aos números aproximados obtidos da razão forma/item.¹⁵ No entanto, A frequência de aplicação de *hedges*¹⁶ nas produções dos brasileiros é muito maior do que as produções dos chineses. Isso demonstra que os aprendizes chineses possuem menor consciência linguística de uso de *hedges* em comparação aos brasileiros. Para uma apresentação mais concreta, vejamos os exemplos a seguir:

Quadro 4. Comparação do uso geral de *hedges* entre CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	< Imagina se um dia, um grupo de pessoas orientais quiser vir aqui viajar, o que você sugere para eles fazerem? >	< Se um dia, outros chineses vierem para cá e passarem as férias aqui no Brasil, o que você sugere para eles fazerem? >
Respostas	<p>< TOBLF04 > Olha, já de-vem ter lido, mas eu acho que Gramado é um lugar muito bonito, praias... Aqui tem umas praias bem legais por perto, do Brasil né. Não sei, eu acho que lá pra cima no Rio de Janeiro, nordeste, tem praias lindas também. Eu não sei, eu gosto, particularmente, de lugares bem movimentados assim.</p> <p>< TOBLF05 > Eu acho que primeiro o Rio. Acredito que o que as pessoas conhecem mais de fora sejam as imagens do Rio né. Então acho que seria mais interessante, até porque o clima é um pouco melhor, né?</p>	<p>< TOCCF02 > Acho que eu vou apresentar o Rio, ou outro lugar, Santa Catarina e outro lugar eu não conhece...</p> <p>< TOCCM11 > Se eu for um voluntário para apresentar o Brasil, eu quero... eu quero lhe apresentar, por exemplo, para redenção, mesmo que redenção seja uma pequena parque, mas acho que é um tipo de símbolo de Porto Alegre, então eu vou apresentar.</p>

Notamos que quando fazem sugestões, os falantes brasileiros usam um número considerável de marcadores discursivos (“**eu acho**”, “**eu não sei**”, “**né**”) para fazer abertura e fechamento da fala; *hedges* posicionais (“**particularmente**”) para deixar a discussão em aberto ou margens para si próprio a fim de não se comprometerem com a sugestão feita; *hedges* declarativos (“**umas**”) para dar informações não muito precisas e, ao mesmo tempo, *hedges* sugestivos (“**seria**”), para que a força da ação seja atenuada.

¹³ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Communication University of China, Nanjing.

¹⁵ A razão forma/item (FI) é obtida dividindo-se o total de formas pelo total de itens. FICTOB = 3837 ÷ 39138 = 9.80%; FICTOC = 2774 ÷ 25871 = 10.72%.

¹⁶ A frequência de aplicação de *hedges* (FdH) serve para verificar a porcentagem do uso de *hedges* em cada *corpus*. Divide-se o número total de formas pelo número total de *hedges* no mesmo *corpus*: FdHCTOB = 1704 ÷ 39138 = 4.35%; FdHCTOC = 759 ÷ 25871 = 2.93%

Quanto à fala dos falantes chineses, além da pouca aplicação de *hedges*, os falantes utilizam verbos performativos (sublinhados na tabela) para explicitar a intenção, tornando as sugestões com ato de fala significativamente mais diretas. Talvez essa forma de se expressar, com bastante asserção, denote uma característica dos aprendizes estrangeiros, que se preocupam com o sucesso da interação.

Embora todos os exemplos tirados acima expressem claramente a intenção dos locutores, os dois grupos de informantes utilizam estratégias comunicativas bem distintas. A grande frequência do uso de *hedges* torna a fala dos informantes brasileiros mais indireta e mitigada. Com base nos dados desta pesquisa, parece que esse aspecto de uso e sua inter-relação na linguagem são mais difíceis de serem percebidos e adquiridos pelos aprendizes de PLA.

1 *Hedges* como marcadores discursivos:

Conforme os dados de frequência do uso de *hedges* em cada categoria, depreendemos que os *hedges* como marcadores discursivos apresentam sempre um número maior do que os demais em textos falados. A palavra “né” é um *hedge* mais marcante nos discursos dos falantes brasileiros, cuja frequência chegou a 137.2 em cada 10 mil palavras:

Quadro 5. Uso de “né” no CTOB e CTOC

TOB	TOC
<TOBLF07> cada programa, cada canal tem um telespectador específico né? por exemplo... claro, canal aberto, Globo, SBT, Record, né? são mais pra classe média e classe média baixa, porque os outros podem ter Net, Sky, né? Essas TVs por assinatura, então esses canais passam mais besteira. Novela, né? Passam esses programas de auditório, né? que é mais centrado pra esse público, né? Mas claro, e daí, por exemplo, sei lá, esses canal de história, de animais, né? são mais voltados pro público mais cultural assim, né?	<TOCCM07> Acho que lá na China é muito seguro né? No ano novo chinês, normalmente, é um tipo de férias, tipo de feira, feira de... também nem feira de livro, mas lá na China não se chama isso. <TOCCM10> A gente já ficou aqui bastante tempo, já ficou aqui 5 meses né?

Vimos que quase todas as frases do CTOB acima terminam com a palavra “né”. Entretanto, no CTOC, encontramos apenas nove casos do uso dessa palavra. Na aula de PLA, se o aluno pergunta sobre o que quer dizer “né”, o professor normalmente responde que essa palavra é um tipo de marcador que tem sentido igual a “não é?”, sendo utilizada para que o interlocutor seja envolvido na conversa e para que sua afirmação seja reconhecida. Porém, quando repensamos os exemplos acima, é possível indagarmos se o falante está realmente tão ansioso para que sua fala seja aceita. Essa palavra, talvez

na maioria das vezes, seja produzida inconscientemente, pois aparentemente não possui sentido muito relevante. Neste sentido, como um hábito específico, ela represente a língua falada do PB.

Outro exemplo é o uso de “Acho”. Sendo o segundo *hedge* mais frequentemente produzido no CTOB, a palavra “**acho**” (ou “**eu acho**”, “**acho que**” e “**achei**”, em alguns casos) foi entendida como sendo uma expressão que representa a plausibilidade do enunciado e a responsabilidade do locutor. Entretanto, no *corpus*, essa palavra em sua maioria das vezes aparece como abertura de fala, precedendo o argumento de um ponto de vista pessoal. No CTOC, a palavra “**acho**” é o *hedge* mais produzido, sendo o único dessa categoria que têm frequência maior do que o correspondente no CTOB.

Quadro 6. Uso de “acho” no CTOB e CTOC

CTOB	CTOC
<TOBDM09> Eu acho que é uma, no campo profissional, por exemplo, eu acho que às vezes, rola uma espécie de competição, por exemplo, tu compete com teu colega pra ver quem faz melhor tal coisa ou quem faz mais rápido tal coisa ou quem agrada mais o chefe. Eu acho que isso, talvez, pode ter uma semelhança. Acredito que nesse ponto assim, que me vem na cabeça agora.	<TOCCM09> Viagem, acho que pode ser ir ao Rio de Janeiro, para estudar, Rio grande go sul pode ser, São paulo acho que também, ali tem as universidades muito bons, acho que para viajar, eles tem de ir ao Rio de Janeiro.

Além de “**eu acho**”, os informantes brasileiros ainda produzem “**acredito**”, “**vejo**” para expressar ideias de mesma natureza. Servindo como movimentos preliminares, eles têm função apenas de iniciar uma nova argumentação e manter seu turno de fala. Porém no CTOC, as formas de marcadores discursivos são muito limitadas, restringindo-se apenas à forma “**acho**”.

Outros exemplos de *hedges* que são bastante produzidos no CTOB e raramente encontrados no CTOC nessa categoria de marcadores discursivos são “**eu não sei**” (ou “**sei lá**”), “**sabe**”, “**pois é**” etc.

Semanticamente, a expressão “**eu não sei**” provocaria uma resposta cooperativa mas não-esperada, e “**sei lá**” uma resposta não-cooperativa. Em outras palavras, essas duas expressões, teoricamente, pressupõem uma descontinuidade da conversa. Porém, nas interações comunicativas, elas representam outras funções pragmáticas. Por exemplo, nos enunciados *Ah! Não sei... Olha, acho que não, para sempre acho que não, de repente os carros;* e *Olha, acredito que a forma seria sempre por voo, todos. Sei lá, o meio de transporte que voasse sobre água, sobre qualquer superfície.* Entendemos que “**não sei**” nos exemplos, não quer dizer “eu não consigo te dar a resposta”, mas sim “eu não tenho certeza, porém tento

te responder”. Igualmente, “**sei lá**” não necessariamente significa “não sei e nem quero saber”, mas pode ser uma preparação para resposta cooperativa, embora esta possa ser não-esperada ou não-exata. Essas expressões, invés de impedir a continuidade da comunicação, auxiliam o sujeito a ganhar tempo para organizar a sua fala. A palavra “**sabe**”, seguida por ponto de interrogação inserido no enunciado, nem sempre está testando o conhecimento contextual do interlocutor; “**digamos**” não necessariamente implica a ideia de que o sujeito falante seja plural e “**pois é**” normalmente precede uma opinião contrária do que foi dito pelo interlocutor.

Podemos dizer que os *hedges*, como marcadores discursivos, são identificados mais por sua função pragmática do que semântica e que tornam os enunciados mais coerentes e aceitáveis.

2 Hedges pressupositivos:

A maior diferença do uso de *hedges* entre falantes brasileiros e chineses é a escolha de *hedges* pressupositivos. Comparados aos brasileiros, os aprendizes chineses dão mais respostas afirmativas quando são solicitados a explicar o entendimento de acordo com as imagens ou criar alguma situação hipotética.

Quadro 7. Distinção do uso de *hedges* pressupositivos entre CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	<Na segunda figura, vamos ver, você poderia dizer alguma coisa?>	
Respostas	<TOBAF02> Bom, essas duas para mim , elas parecem são duas coisas... Essa que eu entendo , seria a minha visão que seriam duas mãos, né , simbolizando o planeta, Terra, e isso mostra a globalização, uma parceria entre os mundos, né .	<TOCCM08> E primeira foto é sobre o, nosso globo vai se tornar mais pequeno, e, hum, e a relação dos países ou dos pessoas vai mais intenso , intenso como duas mãos <TOCCM07> Acho que esta figura significa ... Todo mundo reúne... uma etnia. É assim. Segunda figura significa ... acho que significa destruir o floresta e também destruir o mundo
Perguntas	<Vamos imaginar, se um dia, não existirem mais fronteiras entre qualquer lugar, para onde você preferia ir?>	
Respostas	<TOBLF06> Ah! Em vários lugares, acho que tudo, que gira à volta. Eu gostaria de conhecer vários lugares. Eu acho que a Ásia. Eu acho que tem lugares interessantes, bem interessantes, a China com certeza. Europa tem lugares lindos, tanto culturalmente, sabe . Eu acho muitos lugares interessantíssimos assim que eu queria conhecer, vários.	<TOCCF05> Árabe . Porque eu gosto de cultura lá na Árabe. Porque, porque eu gosto de pirâmide. É muito bom. <TOCCM09> Eu gosto de viajar para <i>Italian</i> e... ou Holanda

Além dessas distinções, depreendemos também dos dois *corpora* que o uso de *hedges* pressupositivos no CTOB varia consideravelmente de acordo com os diferentes tópicos. Os informantes usam “**acho**”, “**talvez**”, “**provável**” etc., palavras típicas de *hedges* pressupositivos, além de verbos modais em diferentes tempos verbais – “**pode**”, “**possa**”, “**poderia**”, “**podia**” etc. Além disso, há também expressões com marcadores, tais como “**quem sabe**”, “**de repente**”, entre outras. No CTOC, o uso dos *hedges* dessa categoria reflete mais o sentido literal das palavras. No total, existem apenas quatro formas de *hedges* nessa categoria, quais sejam: “**talvez**”, “**acho**”, “**pode**” e “**parece**”. Todos são *hedges* pressupositivos bem definidos. No entanto, as palavras tais como verbos indicativos no futuro pretérito (*faria*) e modalidades epistêmicas e deônticas nunca apareceram.

Quadro 8. Uso de *hedges* pressupositivos no CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	<Depois da formatura, o que você pretende fazer?>	<O que tu pretendes fazer quando tu voltares para a China?>
Respostas	<TOBDM09> Eu quero fazer uma especialização. Eu não sei se, a princípio, é melhor eu fazer uma especialização ou já fazer o mestrado (...) Talvez , projetos... talvez ... finanças não, finanças, acho que é meio complicado. Mas provavelmente vai ser marketing internacional. Provavelmente vai ser uma especialização em marketing, pra depois fazer o mestrado.	<TOCCM09> Eu acho no futuro, talvez tem um trabalho perto casa, segundo is... é em China, tem pouco pessoas estudar português. No futuro, talvez tem uma trabalho boa.
Perguntas	<Você acha que um dia, alguns deles serão substituídos?>	<O que tu pretendes fazer quando tu voltares para a China?>
Respostas	<TOBLF06> Olha, acredito que a forma seria sempre por voo, todos. Sei lá, o meio de transporte que voasse sobre água, sobre qualquer superfície. Então isso substituiria o navio, o carro, o avião. Quem sabe até a complexidade do transporte substituiria o foguete. Se tivesse alta velocidade, substituiria o trem, mas a bicicleta, eu vejo como um lazer. Então, acho que esse seria o único que não seria substituído.	<TOCCF02> Eu queria ser um tradutor e talvez eu quero ir a África, Angola, ou talvez eu vou voltar para o Brasil

3 Hedges declarativos:

Os dados do *corpus* representam uma tendência de que os informantes chineses produzem informações bem mais específicas em relação ao **tempo**, **lugar** e **número**.

Os informantes brasileiros, por sua vez, produzem mais *hedges* declarativos, para tornar tais tipos de informações menos transparentes. De fato, os *hedges* declarativos não necessariamente pressupõem que o usuário não se lembre da informação específica, mas que os falantes não estão, talvez, se esforçando na busca da informação precisa, pois esta não afeta as máximas de relevância e qualidade da conversa. Por sua vez, os aprendizes, talvez devido à falta de proficiência, ainda prestem muita atenção a todos os detalhes.

Quadro 9. Distinção do uso de *hedges* declarativos entre CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	<Como foram suas últimas férias?>	
Respostas	<p><TOBAM01> Eu passei uns 20 dias na praia, final de dezembro. Uns 15 dias ali, 10 dias de Janeiro na praia. Depois eu retornei para Porto Alegre pra continuar trabalho, né! E aí, eu saia do trabalho por volta da 6 horas de tarde lá para casa, fazer alguma coisa na noite normalmente, e ia pra praia um ou outro final de semana.</p> <p><TOBLF07> Bom, nesse ano conseguimos né, fazer uma viagem, passar uns 5 dias assim, numa casa de praia, bem pra aproveitando, passando quase todas estações do ano, numa semana só né</p>	<p><TOCCF02> No dia 26 à noite, eu fui passear um pouco, e no volta, eu fui... tem um carro, atropelou-me de repente.</p> <p><TOCCF03> Eu fui a Argentina com os meus colegas e ficava lá por 4 dias, é uma cidade.</p> <p><TOCCM11> Os brasileiros só têm quatro coisas para fazer, tipo futebol, churrasco, praia e festa, só isso.</p>

As formas mais encontradas de *hedges* presupositivos no CTOB são palavras ou sintagmas adverbiais e preposicionais, tais como “**normalmente**”, “**principalmente**”, “**geralmente**”, “**basicamente**”, “**praticamente**”, “**politicamente**” etc. e “**de certa forma**”, “**de certa maneira**”, “**de certo modo**”, “**de modo geral**”, “**em torno de**”, “**por volta de**”, entre outros. Entende-se que essas formas sejam difíceis de serem adquiridas pelos aprendizes chineses, pois existe pouca produção desse tipo de *hedges* no CTOC. Além disso, muitos deles são impossíveis de serem traduzidos e explicados de forma literal em língua chinesa.

Outra observação baseada nas amostras do CTOB é que o objetivo da produção dos *hedges* declarativos é, principalmente, limitar o âmbito de número ou de tempo a fim de proteger as máximas de modo e de qualidade da fala, mas não descrever o sentimento ou opiniões pessoais na argumentação. Por isso, esses *hedges* são mais encontrados quando são utilizados para responder as informações pessoais. Diferentemente do uso de *hedges*

declarativos no CTOB, os falantes chineses usam muito menos esse tipo de *hedge* nas respostas de questões que se relacionam à vida privada em relação aos brasileiros, mas bastante mais em outros tópicos quando expressam as opiniões pessoais e argumentativas.

Quadro 10. uso de *hedges* declarativos no CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	<Você concorda com esta frase?>	<Tu achas que na China, as mulheres são bem valorizadas quando trabalham?>
Respostas	<TOBAM03> Ah, eu não sei, assim o importante é competir, essa frase muito... muito politicamente correta.	<TOCCF01> Acho que mais ou menos . E normalmente , homens e mulheres têm trabalhos diferentes.
Perguntas	<Depois da formatura, o que você pretende fazer?>	<Quando tu casar, tu vai ajudar em casa?>
Respostas	<TOBAM01> Eu quero fazer uma especialização. Eu não sei se, a princípio , é melhor eu fazer uma especialização ou já fazer o mestrado	<TOCCM11> Depende , acho que eu vou... sim. Não sei por que geralmente as mulheres têm que arrumar a casa.
Perguntas	<Você vai ao cinema sozinho ou com namorada?>	<p>① <A qual sentimento humano se refere esta charge?></p> <p>② <Você não gosta de assistir TV?></p> <p>③ <O que você e seus amigos fazem no seu tempo livre?></p>
Respostas	<TOBLM08> Geralmente eu vou com minha namorada, a pessoa que eu mais vou é com ela, mas às vezes , com alguns amigos também, mas mais com ela e de vez em quando , eu vou sozinho também.	<p>① <TOCCM08> Acho que o foto queria, a foto diz algumas vezes que ganhar o primeiro lugar é uma sorte.</p> <p>② <TOCCM09> É não... tudo... algumas vezes, eu não tenho muito tempo.</p> <p>③ <TOCCF03> Nós jogamos computadores, e algum... algumas vezes jogar cartões.. cartas, e fazer... fazemos compras.</p>

Percebemos ainda que os chineses produzem muito mais “**normalmente**”, “**às vezes**” e “**mais ou menos**”. Isso deve ter sido influenciado pelo seu próprio sistema linguístico. No entanto, embora haja um número muito menor desse tipo de *hedge* no CTOC, a frequência total de sua produção não fica muito inferior no CTOB. Além disso, os aprendizes chineses generalizam, nem sempre com sucesso, os significados das palavras e expressões, usando-as com diferentes sentidos. Conforme o quadro 9 apresentado acima, no exemplo <TOCCM08>, “**algumas vezes**” pode ser interpretado como “**de certa maneira**”; no <TOCCM09>, a mesma expressão tem sentido de “**normalmente**”, ou “**muitas vezes**”; já no <TOCCF03>, ela pode ser entendida como “**às vezes**”. Nenhuma das três

interpretações é muito utilizada por falantes brasileiros. Por isso, quando analisamos a fala dos aprendizes, precisamos usar de um maior rigor para identificar o contexto de fala, a fim de melhor entender a intenção do falante e orientar adequadamente o ensino de LA.

4 Hedges sugestivos:

Quase todos os *hedges* sugestivos selecionados no CTOB podem ser considerados como mitigadores, cujas formas principais são verbos indicativos no futuro pretérito. Tal tempo verbal é normalmente visto como um verbo condicional, sendo ensinado para os alunos como forma de se expressar, de forma mais polida, o pedido; ou nas frases que contêm verbos de subjuntivo no passado. Porém, no CTOC, observamos que além dos verbos modais, esse tipo de palavra é muito difícil de ser encontrada na produção dos alunos chineses.

Quadro 11. Uso de *hedges* sugestivos no CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	<Se a vida fosse uma viagem, qual transporte você gostaria de utilizar?>	<Fale sobre o seu entendimento sobre esta imagem.>
Respostas	<TOBDM09> Acho que carro. Tu aproveita mais, ou tu pode ver cada parte, cada caminho da tua viagem... Acho que o carro seria uma boa opção.	<TOCCF03> Esta imagem queria expressar uma ideia que os povos do mundo queria ser unidos.

No CTOC, não houve ocorrência de *hedge* que seja verbo, além do uso como auxiliar do tempo verbal do futuro pretérito. Por isso, os chineses produzem bastante “**queria fazer**” em vez de “**faria**”. A explicação poderia ser que, por um lado, eles tinham pouco *input* do indicativo no futuro pretérito; e por outro lado, o uso de verbo auxiliar pode diminuir o risco do “erro” na conjugação, sendo uma forma de simplificar o uso do tempo verbal. Com base nos dados apresentados, os únicos dois *hedges* sugestivos produzidos por informantes chineses, que apresentam uma frequência mais alta do que as produções dos brasileiros são “**queria**” e “**pode**”, sendo ambos verbos auxiliares.

5 Hedges posicionais:

Hedges posicionais são os *hedges* que apresentam maior similaridade de uso nos dois *corpora* em termos de frequência. Quanto às suas formas, o CTOC representa nove formas, entre as quais, oito são realizadas na primeira pessoa do singular, tais como “**para mim**”, “**na minha opinião**” etc, enquanto o CTOB representa 19 formas, com 17 responsáveis pela primeira pessoa do singular.

Quadro 12. Uso de *hedges* posicionais no CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	<Tu tens algum momento vivido até hoje que tu achas muito emocionante para ti?>	<Como foi a viagem da China para o Brasil?>
Respostas	<TOBLF04> Ah, lógico quando minha sobrinha nasceu né (...) eu comecei a cuidar dela, comecei a ser... Daí agora a gente sente meio como mãe né, responsável, e tem que cuidar, tem que... A gente está sempre em cima, sim sabendo como ela tá, o que ela quer...	<TOCCM06> Humm... acho que o estância do avião é tão longe para mim . <TOCCF03> Para mim , a viagem foi muito interessantes.
Perguntas	<A qual sentimento se refere esta charge?>	<Qual é sua impressão do Brasil e dos brasileiros?>
Respostas	<TOBLF05> a gente sempre tenta ser o melhor né, esse a gente sempre tenta fazer o melhor. A gente dá o máximo pra fazer o melhor, e não... Eu acho que a gente nunca tá satisfeito. É que a gente sempre quer melhorar e crescer... – <Então você se acha uma pessoa satisfeita?> <u>Eu me acho</u> muito, muito satisfeita. Muito!	<TOCCF01> Para mim , os brasileiros são muito simpático, as meninas são muito bonitas e os brasileiros me ajudam muito. <TOCCF02> Na minha visão sobre o Brasil, acho que é muito bonito, todos os lugares têm muito árvores e flores, para o porto alegre, é uma cidade arborizada.

No CTOC, a palavra mais frequente nessa categoria é “**para mim**”, sendo um *hedge* mais fácil de ser entendido literalmente pelos falantes chineses. A expressão “**a gente**” somente ocorreu uma vez como *hedge* posicional, enquanto no CTOB, o *hedge* posicional com maior frequência é justamente a palavra “**a gente**”. Encontramos muitos exemplos desse fenômeno, quando a palavra não necessariamente tem sentido de “**nós**”. Alguns deles querem dizer “**eu**”, em outras situações, ela pode ser interpretada como “**as pessoas**”.

No exemplo <TOBLF04>, a expressão “a gente” é mais possível de ser interpretada como “eu” pelo contexto. No exemplo <TOBLF05>, se não houvesse a segunda pergunta, os “a gente” no enunciado não seriam considerados como *hedges* e deveriam ser interpretados como “nós”. No entanto, depois de toda explicação que “**a gente nunca se sente satisfeita**”, o informante logo afirma que se acha “**muito, muito satisfeito**”. Portanto, consideramos aqui, que o pronome “**a gente**” tem sentido de “**as pessoas**”.

De fato, nesse exemplo, o que ainda pode ser discutido é a palavra “**satisfeito**”. O informante disse que “**a gente nunca tá satisfeita**” e “**eu me acho muito satisfeita**”, nos quais a palavra “**satisfeita**” possui conotações diferentes. No primeiro caso, “**nunca estar satisfeito**” quer dizer “**nunca querer parar de melhorar, evoluir**”.

No segundo caso, “**eu me acho satisfeita**” quer dizer “**eu estou gostando da minha vida, pois não há nada para reclamar**”; “**estou satisfeita com o que tenho**”. No entanto, essas possíveis análises foram feitas com base na “estranheza” que a expressão “**a gente**” concedeu ao discurso. Ela torna o enunciado mais vago e a palavra “**satisfeita**” demonstra ambiguidade.

6 Hedges emotivos:

Este tipo de *hedge* não foi muito encontrado em nosso corpus, talvez devido à limitação dos tópicos escolhidos nas entrevistas, que além das questões pessoais, apresentou a maioria das perguntas de natureza argumentativa. No CTOB, apenas duas formas foram consideradas como esse tipo de *hedge*. São elas: morfema de diminutivo de nomes (-inho/inha) e pergunta retórica (???) . Há duas formas, também, no CTOC, que foram consideradas como *hedge* emotivos. Esses são “**muito muito**” e “**-inho/inha**”.

Quadro 13. Uso de *hedges* emotivos no CTOB e CTOC

	CTOB	CTOC
Perguntas	<O que você entende sobre a questão da desigualdade socioeconômica?>	<Que imagem tu fazia dos brasileiros antes de chegar ao Brasil?>
Respostas	<TOBEM11> (...) O que tá acontecendo??? a gente paga tanto imposto, a gente passa quatro meses do ano no Brasil, pagando imposto, e para onde vai esse dinheiro??? A gente não tem mais escola descente, a gente não tem um hospital de qualidade, a gente não tem segurança para andar na rua, é estranho assim. Pra onde vai tudo isso???	<TOCCF01> Eu acho que eles são muito muito simpáticos, e o Brasil, eu gosto muito do futebol do Brasil. Eu acho que Kaká é muito muito bonito. <TOCCM09> Antes eu cheguei ao Brasil, eu acho que todos os brasileiros jogam muito bom. Quando eu joguei com eles, não é muito muito bom.
Perguntas	<A qual sentimento humano se refere esta charge?>	<O que aconteceu quando tu viajaste no avião? >
Respostas	<TOBLF05> (...) Esse aqui não consegui nada e ficaria feliz só com o pouquinho do que eles tem, pouquinho de cada um né. Triste né, coitadinho daquele ali. Puxa vida!	<TOCCF06> Última vez, a gente foi para Argentina. Eu vi o luz à noite. Muito muito muito bonito. – <Muito bonito né?> <TOCF06> Muito muito bonito. E antes de chegar no Buenos Aires também muito legal.

Os *hedges* emotivos esclarecem-nos a concepção de que os *hedges* nem sempre são considerados como desintensificadores. O exemplo de <TOBEM11> acima representa bem essa ideia. Em geral, a maioria das perguntas retóricas possui a função de intensificadoras e não de atenuadoras da força ilocucionária. Entretanto, o aparecimento deles sempre faz com que o enunciado fique

mais vago do que apenas um indicativo de afirmação. No outro exemplo <TOBLF05>, o falante utiliza três “**-inho**” com ênfase na prosódia de fala, para demonstrar que “o guri é realmente “**coitadinho**”. Nesse caso, a palavra “**pouquinho**”, embora represente seu sentido literal de “**muito pouco**”, pertence à categoria de *hedge* por aumentar o sentimento do enunciado.

Quanto ao uso de *hedges* emotivos no CTOC, não foi encontrado nenhum *hedge* com apresentação de estrutura típica. Ou seja, não há *hedge* de pergunta retórica no CTOC como *hedge* emotivo. Entretanto, percebemos um tipo de expressão bastante marcante na fala dos sujeitos chineses, a expressão “**muito muito**”, que talvez possa ser considerada como *hedge*. A expressão ocorre apenas uma vez no CTOB, que foi considerada como sendo somente uma ênfase na descrição. No entanto, no CTOC, ela apareceu 18 vezes, tornando-se uma expressão específica na fala dos informantes chineses. Nos enunciados, tais como em <TOCCM09>, afirmando que “algo que é muito bom, mas não muito muito bom”, o enunciado torna-se vago após a adição da expressão “**muito muito**”.

Conclusão

Este artigo objetivou analisar a produção oral dos falantes brasileiros de português e aprendizes de PLA, verificando a função comunicativa da linguagem através do uso de *hedges*. Os resultados sugerem que os aprendizes chineses conseguem expressar claramente sua posição pessoal, porém possuem fala muito mais direta, com informações mais precisas do que a fala dos informantes brasileiros. Entendemos que os *hedges* podem, de certa maneira, representar a proficiência comunicativa dos falantes, o que significa muito mais do que conhecer o sistema abstrato de uma língua, segundo Perna (1992).

Reconhecemos que os resultados deste estudo têm limitações, entre elas o de ter sido conduzido através de entrevistas formais que não provocam produções totalmente naturais, além do fato de não possuímos uma amostra muito grande com tópicos de entrevistas restringidos. Por outro lado, apesar de não serem muito extensos, os *corpora* analisados neste trabalho têm seu significado considerável para o estudo de aquisição de *hedges* na área de PLA. Os resultados poderiam ser considerados para o planejamento do ensino e aprendizagem do PLA e para futura pesquisa sobre aquisição de aspectos pragmáticos em PLA.

Referências

ALBUQUERQUE, A.; ESPERANÇA, J. P. *El valor económico del portugués: lengua de conocimiento con influencia global*. Madrid: Fundación Real Instituto Elcano, 2010. Disponível em: <<http://www.iadb.org/intal/italcdi/PE/2010/05929.pdf>>. Acessado em: 25 jun. 2011.

- BRASIL. *Manual do Candidato do Exame Celpe-Bras*. Brasília, Secretaria de Educação Superior (SESu), MEC, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/CelpeBras/manualcandidato2006.pdf>>. Acessado em: 25 jun. 2011.
- BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. New York, U.S.A: Longman, 2000.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CANALE, M. From communicative competence to communicative language pedagogy. In: RICHARDS, J.; SCHMIDT, R. (Eds.). *Language and communication*. London: Longman, 1983.
- CANALE, M.; SWAIN, M. *Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing*. Applied Linguistics, 1980. p. 1-47.
- CARTER, R. A.; MCCARTHY, M. J. *Cambridge grammar of English: a comprehensive guide to spoken and written English grammar and usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CHOMSKY, N. Linguistic theory. In: OLLER Jr., J. W.; RICHARDS, J. C. (Eds.). *Focus on the learner: pragmatic perspectives for the language teacher*. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, 1973.
- CORNO, G. O. M. D. *O papel da pragmática na análise do livro didático para o ensino comunicativo de português do Brasil para estrangeiros*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- LAKOFF, G. *Hedges: A study in meaning criteria and the Logic of fuzzy concepts*. In: *Journal of Philosophical Logic*, n. 2, p. 458-508, 1973.
- LOCASTRO, V. *An Introduction to Pragmatics*. Ann Arbor, Michigan: The University of Michigan Press, 2003.
- MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. Hedging: A challenge for pragmatics and discourse analysis. In: MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. (Eds.). *Hedging and discourse: approaches to the analysis of a pragmatic phenomenon in academic texts*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1997. p. 3-18.
- PERNA, B. L. C. *A competência pragmática na realização de pedidos de desculpas em inglês como L2*. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992.
- SCARAMUCCI, M. V. R. “Avaliação da leitura em inglês como língua estrangeira e validade de construto”. In: *Calidoscópico*, v. 7, n. 1, 2009. p. 30-48.
- SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M.; SCARAMUCCI, M. V. R. O papel da interação na aquisição e uso de língua estrangeira: implicações para o ensino e para a avaliação. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 39, n. 3, p. 345-378, 2004.
- SCHOFFEN, J. R. *Gênero do discurso e parâmetros de avaliação de proficiência em português como língua estrangeira no exame CELPE-Bras*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- SEARLE, J. R. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SPOLSKY, B. Language Testing – the problem of validation. In: PALMER, L.; SPOLSKY, B. (Eds.). *Papers on language testing 1967-1974*. Washington, D.FC.: TESOL, 1975. p. 147-153.
- SUN, Y. *A produção de Hedges por falantes brasileiros de português e aprendizes chineses de PLA*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.
- YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

Recebido: 11/05/11
 Aprovado: 21/05/11
 Contato: cperna@pucrs.br
 shtrista@msn.com